



REDATOR PRINCIPAL  
ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Címbro, 28-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Taibala-Lisboa • Telefone 5538 0.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# O QUE DIZEM OS FACTOS

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Em Espanha

É proverbial a indiferença, ou antes, o desprazer que as autoridades da República manifestam pelas leis que consignam regalias que em geral não aproveitam aos trunfos políticos ou potentados da finança, da indústria ou da lavoura.

Uma das razões da existência do actual regime político, talvez a que mais apaixonou o espírito público, predispondo-o a aceitar com alvorço a República, filia-se nas promessas feitas pelos seus propagandistas de que, uma vez subtituídas as anteriores instituições políticas pelas ajuais, não só a legislação republicana teria o carácter progressivo próprio da época, mas também as garantias como as sanções dessa legislação seriam igualmente observadas, sem que se distinguisse como até então, entre ricos e pobres, visto que a lei seria igual para todos.

Fez-se a revolução republicana, na qual o povo tomou o primacial papel, conforme tem sido reconhecido e confessado pelas figuras marcantes da República, e passada a perturbação própria do momento, os governantes, especialmente o que sobravaça a justiça, tiveram um trabalho insano na manufatura e na modificação dos códigos legados pela monarquia, pejando durante dias e meses consecutivos as colunas do *Diário do Governo* de decretos que o provisório despejava continuamente sobre a Imprensa Nacional, decretos feitos em geral com tanta reflexão que logo a seguir eram emendados e corrigidos por outros.

Entre a exuruxada de justiça é dizer-se que alguns diplomas, poucos, aliás, apareceram com tendências relativamente modernas, mas o articulado era em regra tan inconsequente que quando não anulava o espírito do legislador, o interpretava no pior sentido.

Começou, porém, desde logo a manifestar-se, por parte de alguns ministros, uma propensão regressiva, tendo os mais cabal exemplo dessa tendência no decreto que regula o exercício do direito de greve, da autoria do sr. Brito Camacho, ou melhor, do conhecido político reacionário espanhol sr. Lacerda, uma vez que aquele quase se limitou a reproduzir a lei que o último elaborara para a monarquia espanhola, conforme se verifica confrontando os diplomas.

Quanto ao respeito pelas garantias consignadas nas leis que aos cidadãos são impostas, é este um dos capítulos que mais desacredita a República, porque diariamente se verifica que, em matéria de deveres, são os governos e as autoridades militares e civis implacáveis sempre que o pequeno ou não observa rigorosamente, do mesmo passo que para com os poderosos há complacências vergonhosas, como o atestam centenas de factos, um dos quais, por ser recente, se recorda: o que teve como protagonista o industrial Alfredo da Silva, que, apesar de ter recusado, de pistola em punho, a acatar uma disposição legal, não só não foi mais incomodado, mas antes, livremente foi conferenciar ao seu ministério com o chefe do governo, o qual a seguir justificava, num reunião pública, o procedimento irregular daquele industrial.

Em relação a direitos, observa-se por parte das mesmas entidades um espírito de parcialidade de que de dia para dia se afirma mais descabelado com a prática de injustiças flagrantes, que atingem, como é óbvio, os pequenos, para com os quais não há a menor preocupação em respeitar as escassas garantias que as leis, inclusive a constituição política da República, consignam, sendo ininterruptamente desprezadas as poucas regalias que as mesmas leis prescrevem não em relação a alguns, mas a todos os cidadãos.

Os exemplos são às centenas, sendo como que uma função permanente deste jornal a exposição dos atropelos levados a efeito pe-

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Em Espanha

Há semanas se produziu em Madrid uma cena de sangue, dela resultando a morte dum homem. Esse homem chama-se Dito, e era presidente do governo. A polícia espanhola, que é numerosa e diligente, procura os culpados. Culpa de quem? Da profunda agitação social que abala o país vizinho? Nesse caso a investigação é fácil. Um dos culpados morreu já. Era o próprio Dito. A sua obra de sangue e violência lhe deu fim. As balas fazem as vezes ricochet. Os outros culpados, para deitá-lhes a má escusa a polícia de percorrer as aldeias e os campos. Eles estão na corte de Afonso XIII, nas címarilhas governamentais, à frente do governo de certas províncias, especificamente Catalunha e Andaluzia. Eles são os culpados. Manete-lhes a polícia as fúrias, e uma outra atmosfera, mais pacífica, se estabelecerá em terras de Espanha.

### Prá estrada!

O correspondente do *coloso* na Colônia escreve para o seu jornal:

A reaparição do *Stoclo* também aí causou a melhor das impressões no público que, sem o grande jornal, estava privado da sua informação de que é o mais importante veículo. As nossas saídas.

O *Stoclo* poderá realmente ser o veículo. Mas o correspondente é com certeza a cavalaria respectiva.

### Confusão

Um polícia da 4.ª esquadra, o 681, andava de serviço no Poço do Borrão, vestido como gente, quer dizer, em traje civil. Lá andava a ganhar a sua vida uma rapariguita de 16 anos. Tem o nome vulgar de Maria dos Prazeres, e veio a pé na ocasião. O guarda chega e logo a desordem surge, como consequência fatal. Para justificar o mal-empregado dinheiro que lhe dão, deu o guarda voz de prisão à rapariga. É possível que esta repontasse, com a indignação de quem se sente inocente e se vingado por uma penalidade injusta. A modos que o polícia não esperou por mais: alca o bengala e deschargea o sobre a pobre Maria dos Prazeres — com tanta ou tamanha dedicação que lhe partiu um braço. Para a vítima o hospital, provavelmente a invalidez. Para o selvagem a impunidade, e naturalmente o elogio na ordem de serviço. Aparte as conjecturas que a experiência nos sugere, tudo o que acima se descreve vem no *Stoclo* de ontem. E' mais um documento que aqui arquivamos, para o relemos quando nos vierem cantar as excelências dessa corporação solitária a quem está confiada a garantia da ordem.

Temos ainda a corroborar as nossas palavras, que se fundam em factos palpáveis, o procedimento das autoridades civis e militares no que respeita a vários elementos operários presos na cadeia do Lameiro, que a despeito de ali permanecerem, na sua maioria, há muitos meses, não há maneira de serem julgados, como se de elemento de justiça, dando-se a circunstância de entre eles figurar um homem, António Nunes Canha, que tem sido vítima das mais inconcebíveis truculências, por quanto há aproximadamente um ano — um ano — que está preso sem que lhe se faça, nem pode com justiça fazer-se-lhe, uma acusação concreta!

Todas estas violências sobrepujam as que a monarquia pôs em prática contra os que ela persigue.

E é porque a República a excede na prática de arbitrariedades que a classe operária dessa República mais se diverte de dia para dia, embora os governantes estejam tam cegos que parecem não aperceber-se da realidade dos factos.

### FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

**Na Guiné escasseiam No continente sobejam**

Um dos nossos informadores da Ar-  
ábia envia-nos a seguinte informação:

O governador da Guiné pediu telegrá-  
ficamente o regresso da servidão dos  
funcionários públicos que se encontravam em  
Lisboa, pois que esta havia com um  
enorme falhanço do pessoal habitado para os  
diversos serviços, que estão desorganizados  
devido a essa falha e pede que com ur-  
gência se procedam a os vencimentos  
dos funcionários daquela colónia, pois que  
os que possuem as habitações

deverão agradavelmente ingeridas tendo  
um grande poder alimentar. — Rá-  
dio.

### A CAMPANHA NATIVISTA

**O patriotismo português...**

manifesta-se prenendo os  
portugueses perseguidos pe-  
sos e os estrangeiros...

Chegaram anteontem do Brasil o  
operário português Armando da As-  
sunção Ferreira, José Fernandes Figuei-  
roa, José Chaves, Carlos Teixeira da  
Silva e José Martim Rua.

São perseguidos pelos nativistas. Nin-  
guém ignora a campanha formidável  
que no Brasil foi levantada pelos nativais  
patriotas contra os portugueses.

Tem essa campanha atingido uma vio-  
lência extraordinária. São os operários  
maiores vítimas do ódio nativista,  
porque não tem dinheiro para se de-  
fender. A campanha contra os opera-  
rios portugueses toma a forma de ca-  
lúnia. Para se verem livres dos opera-  
rios portugueses prendem-nos, perse-  
guem-nos como bochevistas. Torturam-  
os e deportam-nos para Portugal.

Os cinco operários que anteontem  
chegaram eram: alguns das vítimas da  
campanha nativista. Não são boche-  
vistas, nem anarquistas, nem percebem  
nada dessas coisas; são apenas opera-  
rios.

Pois as autoridades portuguesas, que  
constantemente berram patriotismo aos  
nosso ouvidos, tratam os perseguidos  
portugueses como inimigos. Em vez de  
os ajudar, de os acarinhá a sua chega-  
da, metem-nos nos calabouços! Os co-  
munistas portugueses perseguidos encontra-  
m-se presos no governo civil, no calabou-  
ço n.º 7, precisamente o pior.

Entre tanto, para atender o afilado  
apelo do governador da Guiné, criam-  
se há mais uma fornada de funcio-  
nários, se houver quem para aquelas re-  
giões se disponha a seguir, o que aliás  
é problemático...

Entre tanto, para atender o afilado  
apelo do governador da Guiné, criam-  
se há mais uma fornada de funcio-  
nários, se houver quem para aquelas re-  
giões se disponha a seguir, o que aliás  
é problemático...

Os exemplos são às centenas, sendo  
como que uma função permanente  
deste jornal a exposição das  
atropelos levados a efeito pe-

lados e propagados A BATALHA

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## UM ARTIGO ELUCIDATIVO

### O problema da Alta-Silésia

— e as —

### Suas consequências europeias

No dia 19 do corrente publicou *Longuet*, em *Le Populaire* o artigo que abaixo vai traduzido. Jean Longuet é, como se sabe, um velho militante socialista, que, depois da sua estada tecida no Congresso de Tours, ficou com os minoritários, com Blum, com os que não aceitaram a adesão a Moscú. Até, um homem esclarecido. O seu artigo sobre a Alta-Silésia, escrito num momento em que ainda se não conheciam os resultados do plebiscito, em chão de profundos concertos e de valiosas elucidações. A questão da Silésia tem uma importância maior do que a primeira vista pode julgar-se. E que se debatia nela um princípio essencial: o direito de cada povo dispor de si mesmo.

As atenções apaixonadas da Alemanha e toda a Europa estão actualmente voltadas para a Alta-Silésia, essa província industrial em que um plebiscito, várias vezes adiado, se efectuará no domingo, para fixar enfim o seu destino e decidir se ela continuará alemã ou se tornará polaca.

Com efeito, a imprensa chamada de grande informação e, dum modo geral, toda a nossa imprensa burguesa, discute o problema com o parti-pris apixonado e ignorante que costuma patentear todos os dias em face de questões desta ordem. Mesmo os jornais que se gabam de não obedecerem ao princípio de que é mais importante o que dizem os nossos pontífices da cidadania nacionalista — uma parte inseparável. A separação seria uma irreversível catástrofe, tanto para a Silésia como para a Alemanha.

Sob o ponto de vista que mais nos interessa, o do bem-estar da população operária, e das instituições por elas criadas, do seu desenvolvimento moral, material e intelectual, não se figura duvidoso, depois de ter sido lido o artigo do sr. Osborne, que os operários silesianos, comparando a sua situação com o miserável estado económico e social da população polaca, que vive de outro lado da antiga fronteira, em ligação com a economia alemã de que ela parece bem constituir — apesar de que dizem os nossos pontífices da cidadania nacionalista — uma parte inseparável. A separação seria uma irreversível catástrofe, tanto para a Silésia como para a Alemanha.

Sob o ponto de vista que mais nos interessa, o do bem-estar da população operária, e das instituições por elas criadas, do seu desenvolvimento moral, material e intelectual, não se figura duvidoso, depois de ter sido lido o artigo do sr. Osborne, que os operários silesianos, comparando a sua situação com o miserável estado económico e social da população polaca, que vive de outro lado da antiga fronteira, em ligação com a economia alemã de que ela parece bem constituir — apesar de que dizem os nossos pontífices da cidadania nacionalista — uma parte inseparável. A separação seria uma irreversível catástrofe, tanto para a Silésia como para a Alemanha.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

A esquadra do Báltico é a nossa guarda avançada no Ocidente. Durante estes últimos dois anos, o pessoal que a compõe modificou-se sensivelmente. Os melhores elementos dos marinheiros foram retirados e levados para outras esferas de trabalho. Foram substituídos por elementos novos; muitos estónios, letões e finlandeses consideram o seu serviço como uma ocupação temporária. Este estado é devido, provisoriamente, ao desmoronamento de alguns dos nossos socialistas revolucionários e aos menexistas.

# A RAZÃO DE VENDER- MOS O CALÇA- DO MAIS BA- RATO:

## É A MESMA DE SEMPRE

Fabricamos e compramos directamente, a fabricantes, grandes «stoks», o que nos permite adquiri-lo por preços inferiores a qualquer outra casa.

Ganhamos pouco em cada par de calçado porque vendemos grandes quantidades, e nessas grandes quantidades—diz o ditado: **MUITOS POUcos... FAZEM MUITOS.**

Garantimos aos nossos clientes o calçado que lhes vendemos, indemnizando-o de qualquer prejuízo injustificável, consertando-lhe de graça e até trocando o calçado, quanto o cliente tenha alguma reclamação justa a fazer.

### O Mutualismo e as farmácias

Ainda sobre a discussão que nestas colunas foi travada acerca do caso das associações pertencentes à Aliança Mutualista, publicamos as seguintes cartas, que, como as duas anteriores, estavam há muito tempo em nosso poder por motivo de espaço:

*Sr. director da A Batalha.—Nomei carta publicada neste jornal no dia 9 do mês passado, firmada pelo director da Aliança Mutualista (embora o meu nome seja inscrito), é-me atribuída a autoria de uma carta, publicada em 5 do mesmo mês.*

*Embora não seja o autor de tal carta, não tenho dúvida de que é verdadeira as declarações que ela contém, por serem verdadeiras que o objectivo do assalto de que foram vítimas as associações que fazem parte da Aliança Mutualista é o aniquilamento das sete farmácias que ela possui.*

*Já há longo tempo que determinados far-  
maceúticos, que fazem parte da Aliança Mutualista, que se compõe por aquelas associações*

*conferem um elevado número de associa-  
ções, aproximadamente 24.000, e as despesas*

*ocorrem aproximadamente por 8000 em*

*medicamentos. Jamais movendo acintosa*

*guerra, desrespeitando os direitos dos pro-  
prietários, nem os mais leais, mas se apoderar*

*de não falta de vontade, mas por falta*

*de oportunidade, que agora chegou pelas*

*razões que vou expor: As direções tran-  
sacatas reconhecem a necessidade de fa-  
zer uma melhor distribuição da compra, di-  
vidindo-a por áreas, e reconhecem que*

*as direções que preparam contra*

*na associação, ficando em igualdade de*

*circunstâncias aos restantes cobradores.*

*Esta deliberação prejudicou os interesses*

*de três delas que, despeitadas, começaram*

*a ligar-se a determinadas associações*

*tabacáceas, essas sendo: combinadas o as-  
socio, que, assim, desse então admitidos*

*como sócios, sem nenhuns deles o saberem,*

*pois, tiveram o calçado de preencher as*

*propostas e pagar as respectivas cotas.*

*Isso não é uma afirmação gráfica, pois*

*sr. Amadeu Filipe, da direção da Co-  
mpanhia, em plenário das direções transacatas*

*que o diretor da Associação «O de*

*Dezembro», que tinha entrado para outra*

*Aliança Mutualista e que o sr. José Va-  
lenim, «farmaceútico estabelecido, é que lá*

*pagava essas cotas, afirmado esta que al-  
guns diretores an-*

*entes e Ricardo Silveira declararam também que num*

*que deviam ser*

*Mas como estes cavalheiros, muitos*

*deles hujá, cotas foram pagas por ou-  
tros, demonstrando-se assim que a afir-  
mação sobre os oitocentos escudos gastos no*

*assalto não é devidamente de fundamento.*

*Isso só é redentor, mas não é de-  
pendente do que é dito por parte das*

*direções transacatas, se há sempre gados das*

*farmácias mutualistas, recebendo 5 a 5 por-*

*cento de lucros, e os medicamentos são*

*devidamente manipulados. Esses assuntos*

*não são da minha competência, acreditando*

*que as direções transacatas e os empregados*

*dos vários estabelecimentos o assumiu, como*

*é de se devem.*

*Se há deficiências de administração corri-*

*jam-se essas deficiências; se há abusos prati-*

*cados reprimam-se esses abusos, demitam*

*os excessos empregados; se na tipografia*

*da Aliança Mutualista é grande a desordem*

*entre os empregados, estabeleça-se*

*o diretor actualmente director da Aliança Mu-*

*talista, e os outros cavalheiros delegados*

*à Aliança Mutualista.*

*Embora a carta seja firmada pela direc-*

*ção da Aliança Mutualista, reconheço que*

*ela é daquele que suspeito neste as-  
sunto, porque sendo farmaceútico estabele-*

*cido, assim como os dois referidos delega-*

*dos, só pelo antagonismo de interesses*

*que existe entre a manutenção das in-*

*farmácias mutualistas e os seus in-*

*teressados como também os seus de-  
claratícules como também os seus de-*

*claratícules como também os seus de-*